

Haroldo Hollanda**Sarney e Ulysses
em campos opostos**

A luta em torno da liderança do PMDB na Câmara se transformou num jogo político entre o presidente Sarney e o deputado Ulysses Guimarães. Ambos procuram fazer com que o nome escolhido na bancada esteja mais identificado com suas posições e seus propósitos políticos. Se dependesse exclusivamente de Sarney, o líder do PMDB na Câmara seria o baiano Carlos Santana. Não foi por acaso que Sarney chegou a cogitar de nomear Santana como seu líder no Congresso. Por sua vez, os políticos mais ligados a Ulysses, que vão de Pimenta da Veiga a Heráclito Fortes, estão todos empenhados na vitória do catarinense Luiz Henrique como líder.

Mas surgiram vários complicadores políticos, que podem influir na decisão a ser tomada pela bancada do PMDB na Câmara, como a candidatura a líder do mineiro Milton Reis, que está retirando votos que no final poderiam se revelar decisivos para Santana. Ambos disputam votos na mesma faixa, ocupada por moderados e conservadores. Corria ontem à tarde na Câmara a versão de que o deputado Milton Reis, numa conversa mantida com o presidente Sarney, dava a entender que poderia desistir de sua candidatura, a fim de não expor Minas Gerais a uma derrota. Mas se saísse da disputa, Milton Reis ameaçava apoiar a candidatura de Luiz Henrique. Naturalmente preocupado, Sarney ficou de chamar Milton Reis para uma nova conversa.

As indecisões do governo, no entender de alguns políticos, podem ter afetado na bancada do PMDB o prestígio da candidatura de Santana. Até o domingo à noite a vontade política do Planalto era a de anunciar ontem o deputado Carlos Santana como seu líder no Congresso. Isso foi festejado antecipadamente como uma vitória por Luiz Henrique, pois assim se retirava do páreo seu principal concorrente.

Desde a semana passada, várias advertências foram dirigidas ao presidente Sarney por experimentados políticos, de que a criação da liderança do governo iria se transformar em fonte de perturbação de atrito permanente com as lideranças dos demais partidos na Câmara e no Senado. Lembrava-se, a propósito, os exemplos registrados antes de 64, quando predominou tal sistema, o qual só produziu para o governo resultados indesejáveis.

Mas o que fez, ontem, o governo recuar da indicação do seu líder no Congresso foi a constatação final a que chegou de que Santana corria o risco de exercer uma função sem nenhuma base de sustentação política. Estava ameaçado de ser um líder solto no ar. Se o nome escolhido hoje pela bancada do PMDB for o do deputado Luiz Henrique, ele conta para desempenhar as funções de líder não só com o respaldo político da bancada, mas também com os instrumentos legais que o posto oferece.

O ponto central de toda a crise em que se transformou a reunião da bancada do PMDB para escolha do seu líder está diretamente relacionado com a Constituinte. Teme o Palácio do Planalto que um líder como Luiz Henrique, em face dos compromissos por ele assumidos, venha a fortalecer e a dar curso a teses sustentadas pela esquerda independente e grupos afins de que a Constituinte tem poderes para reformar a Constituição em vigor. Há quem assegure, contudo, que o governo não desistiu de criar o seu líder no Congresso. Apenas teria protelado sua decisão para depois da reunião da bancada do PMDB. Mas isso contradiz o comportamento anterior do governo sobre a matéria. Alegou-se que o líder governamental seria anunciado publicamente até ontem no mais tardar, a fim de que a escolha não fosse interpretada como ato contrário ao que vier a resolver a bancada do PMDB.

Dos últimos acontecimentos, a conclusão a que se chega é a de que vão-se estreitando os espaços de definição política dentro do PMDB e do governo. A Frente Liberal é o único partido com o qual conta o governo na Câmara, o que gera profunda inquietação política. O PMDB se retraiu em relação ao apoio ao governo ou passou a adotar uma postura discreta. O governo anseia por saber com quem realmente conta no PMDB, razão pela qual chegou a cogitar de ter um líder, que passaria a ser um novo pólo de atração e prestígio político no Congresso, independente e autônomo em relação a Ulysses. Seria assim retirado de Ulysses o papel exclusivo e dominador por ele exercido na cena política da Constituinte. Só que a jogada em questão se frustrou pelo menos parcialmente.

A favor dos 5 anos

Apesar da sua posição crítica em relação a vários atos do governo, o deputado Amaral Netto, líder do PDS, informa que vai lutar na Constituinte para que o presidente Sarney tenha mandato de cinco anos de duração. No PDS o deputado Amaral Netto tem divergido profundamente do seu primeiro vice-líder, deputado Bonifácio de Andrada, em torno da tese da Constituinte exclusiva, sustentada por este.

— O importante — concluiu Amaral — é que eu tenha o respaldo da maioria da Bancada. E com ela eu conto.

Anestesiado

O deputado Fernando Santana, do PCB, diz que 80% dos Constituintes são a favor do mandato de 5 anos para o presidente Sarney. No seu entender o país só sairá da crise econômica em que se acha engolfado se houver um amplo acordo entre todos os partidos sobre as grandes questões nacionais. Um acordo dessa natureza, segundo ele, não pode ser restringir a um entendimento entre patrões e empregados sobre questões salariais. «Tem que ser uma coisa maior», frisa ele. A respeito do fracasso do Plano Cruzado, comenta com ironia:

— Anestesiaram o doente, mas esqueceram de levá-lo à sala de cirurgia para ser operado.